

O CONCEITO DE SADISMO E MASOQUISMO NA OBRA DE FREUD

Armando Colognese

I - INTRODUÇÃO

Este é um trabalho que surge como resultado de estudos realizados a partir de aulas ministradas no curso de "FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE", do Instituto Sedes Sapientiae.

Procuo neste trabalho acompanhar a evolução dos conceitos de sadismo e masoquismo na obra de Freud.

Para centralizar a idéia encontrei muitas dificuldades, visto que, de texto para texto, Freud faz reformulações e questionamentos novos e mantém a dúvida de como é possível a partir da dor o ser humano encontrar prazer.

Optei por ir seguindo a ordem cronológica e assinalar o que de mais importante encontrei em cada época. Apontei também que modificações surgiram em cada novo momento.

Entendo que os conceitos sobre sadismo e masoquismo passaram por diversos enfoques: desde um poder demoníaco, de feitiçaria, como também por degeneração orgânica, desvio de caráter, até como constitutivo do desenvolvimento humano.

Procurei seguir a evolução psicanalítica, até a consagração freudiana de um traço do desenvolvimento normal, fazendo incursões pela linha das perversões.

Acrescentei, também, paralelamente, aspectos teóricos novos de cada época, que contribuíram para o entendimento e a formulação dos conceitos por Freud.

Sei que deixei muito por esclarecer, mas nunca foi minha intenção esgotar o tema e muito menos esclarecer todos os conceitos que foram utilizados.

II – EVOLUÇÃO

Podemos considerar os “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, de 1905, um marco, embora tenha sido um trabalho com várias modificações e adendos, até sua última edição em alemão, de 1925. É nele que Freud, positivamente, postula a questão da sexualidade como pulsional e não como instintiva.

Freud encontrava-se, naquele momento (1905), em sua primeira formulação sobre o Complexo de Édipo, ou seja: constitucional (natural), simples, positivo e *mutatis mutandi* (igual para o menino e para menina); bem como, também na primeira formulação sobre a teoria das pulsões, ou seja: Pulsão de Autoconservação x Pulsão Libidinal (sexual).

Preferiu a denominação de Krafft-Ebing de sadismo e masoquismo, que dá ênfase ao “prazer encontrado sob qualquer forma de humilhação ou sujeição”, à denominação de outros autores, como por exemplo Schrenck-Notzing, que preferiram o termo algolagnia, já que este é mais estrito – prazer pela dor, pela crueldade¹.

Freud vai seguir pelo caminho de que tanto sadismo como masoquismo fazem parte da pulsão sexual, como um impulso componente. Cito:

“As raízes do sadismo podem ser facilmente encontradas no sujeito normal. A sexualidade da maior parte dos seres humanos masculinos mostra uma mescla de agressão, de tendência a dominar, cujo significado biológico talvez seja a necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de um modo diferente dos atos de galanteio.”

Há nessa citação uma interessante relação que Freud fazia: atividade com masculino; relacionava também: passividade ao feminino, bem como sadismo à atividade e passividade ao masoquismo. No que diz respeito a ativo e passivo, o autor o pensava como uma modalidade da vida pulsional, fazia paralelo com a genética. Já com relação ao sadismo e o masoquismo a relação é mais complexa.

Ele uniu a atividade da pulsão – pois a pensava sempre como ativa – com o comportamento manifesto do sadismo e do

1. Citação feita por Freud em "Os Três Ensaios Sobre a Teoria Sexual", pg. 1.185, vl. II, 3ª edição. Biblioteca Nueva – Madri – ou, pg. 159, volume VI, Edição Standard Brasileira (1969).

masoquismo. Penso que esta idéia deve-se a sua dificuldade de compreender melhor a agressividade do ser humano, como também a questão de como a dor podia estar ligada ao prazer. Note-se que não levou em consideração a atividade fantasiosa como algo importante na constituição do sujeito, nem mesmo alguns comportamentos, como o silêncio e atitudes de não fazer algo – comprovadamente observadas, muitas vezes, como gestos agressivos/destrutivos – possivelmente sadomasoquistas.

No entanto Freud tinha a seu favor um importante conceito, para a época: a bissexualidade. Não esquecendo que só havia formulado sua primeira forma de pensar o Complexo de Édipo e também a primeira teoria das pulsões, ser masculino ou feminino era uma questão *natural*. Daí poder relacionar *naturalmente* ativo e passivo, com masculino e feminino abrindo espaço para uma importante confirmação clínica: sadismo e masoquismo podiam ser encontrados numa mesma pessoa. A explicação, então dada pelo autor, era que alguém podia tornar-se predominantemente sádico ou masoquista dependendo do grau de desenvolvimento da forma passiva ou ativa de sua constituição (ou seja dependendo de sua bissexualidade).²

A vinculação teórica entre ativo e passivo faz com que Freud coloque o sadismo e o masoquismo numa posição especial entre as perversões, visto que seu fundamento – ativo e passivo – faz parte dos caracteres gerais da vida sexual, como ele mesmo faz questão de ressaltar.³

Portanto, para Freud, ao sadismo “corresponde um componente agressivo do impulso sexual, que se tornou exagerado, que aparece independente e se coloca em primeiro termo por meio de um deslocamento...”⁴. Em linguagem mais simples “o sadismo compreende desde uma posição ativa e dominadora em relação ao objeto sexual, até a exclusiva forma de satisfação com humilhação e mau trato do mesmo”. Somente o último caso é em posição extrema é considerado por Freud como perversão, nesse momento.⁵ Quanto ao masoquismo, o autor entende que, “de um modo análogo, reúne todas as atitudes passivas em relação à vida erótica e ao objeto sexual, sendo a posição extrema, a conexão da satisfação com o voluntário padecimento de dor física ou anímica, produzido pelo objeto sexual”.⁶

Parece ter havido dúvida sobre se o masoquismo era uma perversão: com a sua dificuldade em entender a dor ligada ao prazer

2. Freud – Obras Completas (ESB) vol. VI, pg. 161 e 162. É uma conclusão que cheguei por considerar que Freud primeiro articulava seus conceitos, atrevendo-se, se posso referir-me assim, a colocá-los de um modo, talvez, aparentemente displicente ou ingênuo, para depois os publicar. Refiro-me a isso para justificar que no texto de 1905, em sua última edição, há acréscimos realizados em 1910, 15, 20, 24 e 25. As relações com atividade e passividade parecem ser de 1924, mas penso que o conceito sobre a bissexualidade foi utilizado por Freud já em 1905. Há indícios disso nas páginas 161, 162 e na nota de rodapé na mesma pg. 162.

3.
Freud – Obras
Completas
(ESB) – vol.
VI – pg. 161.

4.
Freud – Obras
Completas, vol.
VI, pgs. 159 e
160.

5.
Idem rodapé 4.

6.
Freud – Obras
Completas, vol.
II., pg. 1.185
da 3ª edição.
Biblioteca
Nueva –
Madri.

7.
Freud – Obras
Completas
(ESB), vol. VI,
pg. 160.

8.
Idem rodapé 7.

“ – Este termo
foi mudado a
partir do texto
“A Concepção
Psicanalítica da
Perturbação
Psicogênica da
Visão”, de
1910, no qual,
ao que parece,
pela primeira
vez Freud
menciona
Pulsões do
Ego, funções
de autoconser-
vação - com
libido também,
a partir de 1914.

e sabendo que masoquismo, em sua posição extrema, é o consentimento voluntário da dor, Freud afirmou nesse momento que: “o masoquismo como perversão, parece afastar-se mais do fim sexual normal que a perversão contrária.”⁷

A genialidade de Freud permite-lhe a explicitação de uma dúvida, no texto ora pesquisado. Ele afirma que com frequência o masoquismo não é mais que uma continuação do sadismo dirigido contra o próprio paciente, que se coloca, então, agora, no lugar do objeto sexual. Ao mesmo tempo, duvida se o masoquismo aparece originariamente ou se se desenvolve sempre partindo do sadismo, ou, por uma transformação deste. Algo intuitivo e, é claro, pertinente, como veremos mais adiante⁸.

Cabe lembrar que é nessa época que Freud postula: “a neurose é o negativo da perversão”; que a perversão é um componente sexual infantil que não sofreu repressão e que não foi modificado pelos diques naturais, permanecendo, na vida adulta, como algo do infantil. Marco esta passagem para registrar que, por mais que Freud sofresse pressão da psiquiatria e da neurofisiologia da época, já seguia o caminho da psicogênese e aponto isso também para lembrar que o sadismo e o masoquismo fazem parte do desenvolvimento humano enquanto componentes pulsionais.

Muita água passou sob a ponte até que o tema fosse retomado no trabalho “Os Instintos e suas Vicissitudes”, de 1915. Freud já se encontrava, nesse momento, na sua segunda formulação sobre o Complexo de Édipo (desde “Totem e Tabu” de 1912/13). Passou a pensá-lo como: constitucional mas filogenético – embora a pessoa seja formada, traz consigo heranças de seus antepassados – resolve-se por identificações; e duplo (positivo e negativo). Freud resgata o conceito de bissexualidade porque lhe faltavam conceitos para explicar as identificações. Também encontrava-se na segunda teoria das pulsões, após ter publicado “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, de 1914. Com esse texto, Freud reformula a teoria das pulsões, propondo uma nova forma de vê-la: Pulsões do Ego (mais libido) x Pulsões Sexuais. Note-se que Freud havia exposto a primeira teoria das pulsões, na qual, contrapondo-se às pulsões sexuais, estavam as de autoconservação.”

Também significativa importância tem o fato de Freud, nessa época, ter escrito os trabalhos sobre “metapsicologia”, como esse. Preocupava-se mais em poder explicar os fenômenos anímicos em

nível tópico, econômico e dinâmico, do que em descrevê-los.

Em “Os Instintos e suas Vicissitudes”, de 1915, Freud tenta dar conta de entender e explicar a pulsão – fato não totalmente conseguido. Segundo ele próprio, no mesmo artigo, sente que mais abriu o assunto do que encerrou a questão. Percebe-se muito disso na postura de Freud ao enfatizar o seu rigor científico.

Retornando ao tema proposto, lembro que nesse trabalho, Freud dá a saber o que são vicissitudes da pulsão sexual: a) a transformação no contrário; b) orientar-se à própria pessoa; c) repressão; d) sublimação; e propõe-se a discutir apenas os dois primeiros:

a) a transformação no contrário faz-se por dois processos diferentes: 1º) a troca de um impulso; por exemplo: da atividade à passividade. 2º) A inversão de conteúdo; por exemplo: a transformação de amor em ódio.

b) A orientação para a própria pessoa se entende “enquanto refletimos que o masoquismo não é mais que um sadismo dirigido contra o próprio ego” e que a exibição contém a admiração do próprio corpo. A observação analítica demonstra que o masoquismo compartilha a satisfação ativa da agressão a sua própria pessoa, assim como o exibicionista com o despir de seu próprio corpo... O essencial do processo é a troca de objeto com a permanência do fim.”⁹

Ao tentar usar esses conceitos para explicar o par de opostos sadismo-masoquismo, Freud apresenta o processo da seguinte forma:

a - o sadismo consiste na violência exercida contra uma pessoa distinta como objeto;

b - esse objeto é abandonado e substituído pelo próprio sujeito. Esta é a orientação à própria pessoa, e com ela fica realizada também a transformação do fim ativo do impulso em fim passivo;

c - é buscada novamente como objeto uma pessoa diferente (estranha), que, em consequência da transformação do fim, tem que se encarregar do papel de “sujeito”. Freud identifica ao caso - c - o masoquismo.¹⁰

Como Freud acredita que o prazer masoquista é oriundo do sadismo, entende que na realização deste prazer, também se alcança a satisfação pelo caminho do sadismo primitivo, voltando, em fantasia, o passivo ego a seu lugar anterior, que agora foi assumido pelo sujeito estranho.¹¹

***. Aqui parece que ainda não é o ego que tem funções defensivas por exemplo, nem tão pouco um ego sinônimo de “eu”; parece mais um termo dando indícios de que Freud já estava pensando em um “eu” instância - pelo menos já pensava em um “ego” metapsicologicamente com libido.

9. Freud – Obras Completas – Biblioteca Nueva, Madri, 3ª edição – volume II, pg. 2.045.

10. Idem rodapé 9.

11. Idem rodapé 9.

12. Idem
rodapé 9.

Posto isso, restava a Freud, de fato, entender como nascia o sadismo.

Era sabido que a criança não tinha a intenção de causar dor ao outro que agredia. Vai daí que Freud lança mão de um outro conceito que parece não ter usado em outro lugar: o conceito de pulsão de dominação. Trata-se de um suposto teórico entendido assim: a criança tem prazer em dominar, controlar e não em causar dor. Lembremos que ele já havia formulado a teoria sobre a fase anal, nessa época.

Para Freud, nesse momento, é a pulsão de dominação o germe do que virá a ser o sadismo. Fosse assim – pois ele ainda reformula estes conceitos – devemos pensar que a criança excita-se com o controle, com o domínio, e esse mesmo controle, quando experimentado sobre si mesmo, gera a sensação agradável. Freud afirma: “Uma vez ocorrida a transformação em masoquismo, resulta a dor muito apropriada para aceitar um fim passivo masoquista, pois tudo nos leva a admitir que também as sensações dolorosas, como em geral todas as desprazerosas, se estendem à excitação sexual e originam um estado prazeroso que leva o sujeito a aceitar de bom grado o desprazer da dor. Uma vez que, ao chegar a um fim masoquista, pode surgir também regressivamente o fim sádico de causar dor, e desta dor goza também aquele que infringe a outros, identificando-se, de um modo masoquista, com o objeto que sofre a dor...”. “... o gozo da dor seria, então, um fim originalmente masoquista, mas somente se converte em fim pulsional em alguém primitivamente sádico.”¹²

Esta compreensão sobre o sadismo e o masoquismo está muito comprometida com o artigo de 1914, “Sobre o Narcisismo: Uma Introdução”. Freud deixa claro que a mudança de sadismo em masoquismo implicava retorno ao objeto narcísico. Entendo eu que, nesse momento, Freud leva em consideração o narcisismo como uma fase de desenvolvimento na qual o sujeito tomou seu próprio ego (eu) como objeto. Continuando o pensamento de Freud, ele admite, então, que o sujeito narcísico possa ter trocado o seu ego (objeto) por um outro objeto diferente e externo, por identificação. Daí poder concluir que: “vicissitudes pulsionais, de retornar sobre si mesmo em direção ao próprio ego do sujeito e a reversão da atividade em passividade, se acham na dependência da organização narcísica do ego e trazem o cunho desta fase.”¹³

É no historial do “Homem dos Lobos –História de uma Neurose Infantil” de 1918 (1914) – que Freud explicita conceitos antes só sugeridos. Freud revela a relação do masoquismo com os sentimentos de culpa. Sentimento este relacionado ao Complexo de Édipo, masturbação, complexo de castração, tudo isso ligado à ambivalência e às identificações que correspondem ao narcisismo da criança. Podemos reconhecer vantagens pela via do masoquismo que surge; além de apaziguar a consciência de culpa – pela dor e sofrimento – por regressão alcança satisfação sexual via fase anal, afastando-se da conflitiva edípica e, ainda, com a co-participação do sentimento de culpa, alcança a mudança do sadismo para o masoquismo.

Marco essa passagem, rapidamente, apenas para registrar que Freud não se afastava da situação clínica ao entender teoricamente o sadismo e o masoquismo. Ao contrário, a utilizava para teorizar.

Isso fica bem mais claro quando, em 1919, escreve “Uma Criança é Espancada. Uma Contribuição ao Estudo das Perversões Sexuais”.¹⁴

Freud parte novamente da situação clínica na qual pacientes apresentavam fantasias de uma criança sendo espancada. Ele examina, nesse artigo, o Édipo negativo nos meninos e o positivo nas meninas, para entender a fantasia perversa e a satisfação obtida. Afirma nesse texto que a fantasia masoquista inconsciente na menina é devida à atitude edipiana normal, enquanto no menino é atitude invertida, na qual o pai é tomado como objeto de amor.

Vemos neste trabalho o autor desmanchar a fantasia de espancamento em algumas etapas. Resumidamente o que se passa no menino é o seguinte:

Meu pai me ama,
Meu pai me bate,
Minha mãe bate num menino.

Resumidamente, na menina ocorre:

Uma criança é espancada (uma criança que eu não gosto é espancada),
Meu pai bate em mim,
Meu pai bate num menino.

13. Freud –
Obras
Completas
(ESB) vol.
XIV, pg. 153.

14. Freud –
Obras
Completas
(ESB) vol.
XVII, pg. 225.

- 100
100
100
100
100

Na menina, a fantasia tem um estágio preliminar (primeira fase) no qual o espancamento não tem significado especial e é feito sobre uma pessoa com rancor ciumento. Esses aspectos estão ausentes no menino.

Na menina verificamos: repressão; regressão; sentimento de culpa – necessidade de castigo; complexo de masculinidade; satisfação sexual sadomasoquista. Ou seja: o que está em questão é o Édipo positivo; reprime o desejo de copular com o pai (amar/ser amada por ele), pune-se por causa desse desejo, utilizando-se da fantasia de apanhar do pai, ao mesmo tempo que regredindo a uma fase anterior (sádica-anal), pode ter prazer com essa situação, que é punitiva e atende à necessidade de castigo; camufla mais ainda, o original, ao mudar o sexo da criança que apanha. Porém sabemos que antes da fase fálica, antes da diferenciação anatômica entre os sexos, existe a fantasia de que todos sejam fálcos, e portanto usa o Complexo de masculinidade para disfarçar-se, atingindo com isso (repressão e regressão) uma satisfação sexual sadomasoquista.

100
100
100
100
100

No menino verificamos: repressão; regressão; sentimento de culpa – necessidade de castigo; satisfação sexual sadomasoquista e mais o Édipo negativo. Ou seja: o menino reprime – meu pai me ama – pois esta é uma situação genital; regride a meu pai me bate, atendendo à necessidade de castigo e à satisfação sexual sadomasoquista; porém, ainda muito próxima da genital, reforça sua masculinidade introduzindo-se no Complexo de Édipo positivo com a troca de fantasia, minha mãe bate num menino – que embora conflitivo é menos ameaçador que o conflito com o pai, dentro do seu Complexo de Édipo negativo.

Talvez possamos achar estranho esse achado clínico de Freud, em face da escassez de casos desse tipo. Eu mesmo atendi apenas um caso essa fantasia de espancamento surgia – nem central era – e soube de um único colega ter atendido outro caso.

Mas, penso que podemos utilizar o achado clínico de Freud no qual como indicativo de que a perversão (pelo menos a sadomasoquista) possa ser utilizada como defesa, ou recurso defensivo, frente a situações bastante conflitivas como as edipianas. Eu, particularmente, vejo nesse achado que a situação sadomasoquista está, pelo menos em germe no desenvolvimento humano, já que sabemos que na saída do Complexo de Édipo existe a dupla identificação com as figuras parentais. É um ponto em aberto que, com certeza, abarcará novas reflexões.

É em “Mais Além do Princípio de Prazer”, de 1920, que Freud retorna ao tema abrindo espaço para a sua última formulação sobre o sadismo e o masoquismo.

Ele retorna a definição de masoquismo dos “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” e dos “Instintos e suas Vicissitudes” – como um impulso componente, complementar do sadismo, que voltou para o próprio ego do sujeito – para então pensar num masoquismo primário.

Cito:

“...Mas em princípio não existe diferença entre um impulso voltar-se do objeto para o ego ou do ego para um objeto, que é o novo ponto que se acha em discussão atualmente. O masoquismo, a volta do impulso para o próprio ego do sujeito, constituiria, neste caso, um retorno a uma fase anterior da história do impulso, uma regressão. A descrição anteriormente formulada do masoquismo exige uma emenda por ter sido ampla demais sob um aspecto: pode haver um masoquismo primário, possibilidade que naquela época contestei.”¹⁵

Com isso, Freud antecipa o que em 1924 explicará com detalhes.

Cabe lembrar que nessa época, nesse texto, com a formulação dos conceitos de pulsões de vida e de morte, Freud retifica pela última vez a sua teoria das pulsões e propõe: Pulsões de vida x Pulsões de morte.

É então, em “O Problema Econômico do Masoquismo”¹⁶, de 1924, que Freud proporrá a mais completa descrição do fenômeno sadismo-masoquismo.

Nessa época, saliento, que além da sua última formulação sobre a teoria das pulsões, Freud também se encontrava já na sua última concepção sobre o Complexo de Édipo – desde 1923 com “Organização Genital Infantil” – ou seja: é estrutural, duplo (positivo e negativo), não é mais *mutatis mutandis*; e é regido segundo o Complexo de Castração. Também julgo importante, para a época, o fato de Freud já ter escrito o “Ego e o Id”, de 1923, no qual o autor reformula a noção de aparelho psíquico.

Freud começa seu artigo de 1924 refazendo a pergunta de como pode ser possível alcançar prazer com a dor, que é um sentimento típico de desprazer; sugere que só se tornará possível entender o masoquismo se investigarmos a relação do princípio de prazer com as duas ordens de pulsões diferenciadas – pulsões de vida e de morte.

15. Freud –
Obras
Completas
(ESB) vl.
XVIII, pg. 75.

16. Freud –
obras
Completas
(ESB) vl. XIX,
pg. 199.

17. Freud –
Obras
Completas
(ESB), vol.
XIX, pg. 199.

18. Freud –
Obras
Completas
(ESB) vl. XIX,
pg. 200.

Retoma a discussão de “Além do Princípio de Prazer” de 1920, considerando que lá fora apresentado “o princípio que rege todos os processos anímicos como um caso especial de tendência à estabilidade – conceito de Fechner – atribuindo assim ao aparelho psíquico a intenção de anular a magnitude de excitações que fluem a ele, ou pelo menos, de mantê-lo em um nível pouco elevado – processo denominado por Barbara Low como Princípio de Nirvana” – aceito por Freud¹⁷.

Freud identificou o Princípio de Nirvana com o Princípio de prazer-desprazer e concluiu que o Princípio de Nirvana atuaria a serviço da pulsão de morte, por completo, cujo fim é: “conduzir a vida inquieta à estabilidade do estado inorgânico, e sua função seria a de prevenir contra as exigências das pulsões de vida, da libido de tentar perturbar tal recurso da vida.¹⁸ (O grifo é meu.)

Freud considera essa hipótese inexata porque existem tensões prazerosas; dá como exemplo a estimulação sexual e conclui: “O prazer e o desprazer não podem ser referidos, portanto, ao aumento e diminuição de tensão do estímulo, ainda que, desde logo, apresentem uma estreita relação com esse fator, mas não estão ligados ao fator quantitativo e sim ao qualitativo.” E ainda prevê que o Princípio de Nirvana – que expressa a pulsão de morte – o princípio de prazer – que representa a aspiração da libido – e o princípio da realidade – o mundo externo que pode modificar as aspirações da libido – não se anulam; coexistem harmoniosamente mesmo que em ocasiões surjam conflitos provocados pela diversidade de seus fins respectivos.

Então, é partindo dos conceitos de pulsão de vida e de morte que Freud propõe-se a entender o masoquismo; postula três formas diferentes de manifestação, a saber:

- a) masoquismo erógeno – como condicionante da excitação sexual;
- b) masoquismo feminino – como manifestação da feminilidade;
- c) masoquismo moral – como uma norma de conduta vital.

Freud entende que no masoquismo erógeno, ou seja, o prazer na dor, consiste a base dos outros dois e atribui-lhe causas biológicas e constitucionais, que ele mesmo julga um tanto obscuras; mas aponta na direção das pulsões para dar alguma luz à tais causas.

No seu entender o masoquismo feminino tem a forma mais simples e o descreve nos seres masculinos da seguinte forma: a partir das fantasias masturbatórias desses homens, muitas vezes impotentes, conseguem atingir a satisfação sexual. Estas fantasias coincidem como meio de atingir a ereção, como introdutórias ao ato sexual. O

conteúdo manifesto dessas fantasias encontradas por Freud é: ser amordaçado, amarrado, espancado, de alguma maneira maltratado, obrigado a uma obediência incondicional. Observando os casos, constatou que essas pessoas se colocam numa situação caracteristicamente feminina; isto é: ser castrado, ou ser copulado, ou dar à luz a um bebê. Por isso Freud chamou este masoquismo de feminino.

Penso que hoje, dentro de uma visão freudiana, temos de acrescentar algo mais para que consideremos o masoquismo como perversão: que seja um modo de excitação de forma exclusiva, que observemos o mecanismo de defesa típico “recusa da realidade” (“*verleugnung*”) em suas condutas vitais, por exemplo.

Freud vê ainda, nessa forma de masoquismo, a manifestação de um sentimento de culpa – que penso, será sempre observado ao depararmos com o masoquismo; o sujeito pressupõe que cometeu algum crime, não o define, mas precisa ser punido. Ele explica isso como uma racionalização superficial, e como vinculado com a masturbação infantil.

Freud conecta o masoquismo feminino totalmente ao masoquismo erógeno, primário, que vem a ser: a libido tropeça nos seres animados com a pulsão de morte, ou de destruição neles dominantes, que tende a decompô-lo e a conduzir cada organismo ao estado de estabilidade inorgânica. O trabalho a ser realizado e tornar inofensiva essa pulsão destruidora é feito assim: a maior parte da pulsão de morte é posta fora (defletida) no mundo exterior, como forma de poder. Uma parte dessa pulsão fica posta diretamente a serviço da função sexual; este é o sadismo propriamente dito. Outra parte não colabora com esta deflexão, persistindo no organismo e fica fixada ali libidinalmente com a ajuda da coexcitação sexual, antes mencionada (nos “Três Ensaio”). Nela temos o masoquismo primário, erógeno. Analiticamente, para entender porque a pulsão de morte fora domada, Freud supõe que ambas as pulsões se fundiram, formando uma amálgama de proporções muito variadas. Daí não encontrarmos pulsão de vida ou de morte, puras, e sim diferentes combinações das mesmas. Supõe porém, que uma parte da pulsão de morte escapa de ser domada, mas não calcula a extensão disso. O masoquismo primário é a testemunha de que houve uma formação de tal amálgama. O retorno do sadismo, ou pulsão de destruição, ao interior do sujeito somar-se-á ao masoquismo primário, constituindo o que Freud chamou de masoquismo secundário.

O masoquismo moral é o que mostra uma relação menos estreita com a sexualidade.

Freud notou nessas pessoas um “sentimento inconsciente de culpa”, termo que, dada sua incongruência, substituiu por “necessidade de castigo”. Pela via econômica devemos entender que aqui repousa a posição mais forte da “vantagem da doença”. É um bom sintoma, já que dá conta do impulso e da defesa. O exemplo clínico citado pelo autor é o da reação terapêutica negativa. Parece-me simpático o exemplo, pois nessa situação podemos verificar a presença de impulsos masoquistas e até observarmos na transferência a expressão de atitudes sadomasoquistas presentes nessa reação.

Embora tenha substituído termos citados, Freud não abre mão de tentar localizar tal culpa. E, partindo dos conceitos de superego de 1923, supõe residir tal culpa na tensão existente entre o ego e o superego. No masoquismo moral o acento recai sobre o intenso sadismo do superego e no masoquismo do ego, ao qual submete o ego, que demanda castigo, seja por parte do superego, seja pelos poderes parentais externos.

Resumidamente: sabemos que para a dissolução do Complexo de Édipo é necessária a dessexualização das figuras parentais. No caso do masoquismo moral, podemos dizer que houve falha nesse processo e, portanto, fica o superego um tanto sexualizado. A situação poderia ser vista como irônica ou cômica, se não tendesse ao trágico. Pensar num superego sexualizado é, sem dúvida, imaginar um superego que ao mesmo tempo proíbe, permita e até incentive. Está reanimada para sempre a conflitiva edípica, portanto. Novamente vemos a questão econômica do masoquismo em ação. Há prazer sexual em punir-se pela culpa do desejo edipiano. E parece haver aí um mútuo incentivo; o masoquismo moral pune e, sexualizando a moral, reanima o Complexo de Édipo. Apresenta-se à “lei” assim. Se, por um lado, é extremamente desagradável esta situação, por outro, seria extremamente agradável dar livre passagem para tal situação. Não é difícil entender por que o ego encontra-se numa posição masoquista, como também o superego é reconhecido numa posição sádica.

Quero marcar aqui que pressuponho que tal posição masoquista do ego tem como condição *sine qua non* uma cisão nesse ego. Posição que, penso, Freud defenderia se naquele momento já tivesse claros conceitos como os que viria a expor em 1927 no trabalho sobre o “Feiticismo”.

Paro aqui. Uma última palavra: ainda que em outros de seus trabalhos o termo masoquismo-sadismo seja evocados, tenho como certo que foi até o momento aqui analisado, que Freud os desenvolveu de modo mais claro e preciso para a época.

No entanto, novas reflexões caberão se levarmos em conta conceitos, até agora não trabalhados, como os mecanismos de cisão e recusa da realidade. Conceitos importantes para o entendimento e o estudo das perversões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S., *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Brasil. Imago Editora, 1976.

FREUD, S., *Obras Completas*, Madri, Espanha. Biblioteca Nueva, 3ª edição.

SCHWARTZ, R. G., "Trayectoria del Masoquismo em Freud". In *Revista de Psicoanálise*, número 4, 1986, publicação de La Asociacion psicoanalitica Argentina.

LAPLANCHE, J./PONTALIS, J. B., *Vocabulário de Psicanálise*, Santos, São Paulo, Brasil. Livraria Martins Fontes, 3ª edição.